

Pecuária hexacampeã

Vencedor de seis concursos consecutivos de carcaça Angus, Wilson Brochmann reestrutura seu projeto com novas técnicas de gestão e aumenta a receita/ha, sem abrir mão da qualidade.



Wilson Brochmann em meio aos animais Nelore/Angus confinados para produção de carne premium destinada ao mercado interno ou à exportação

MARISTELA FRANCO

maristela@revistadbo.com.br

Poucos pecuaristas frequentaram tanto as páginas de **DBO** como Wilson Brochmann, sócio-diretor da Agropecuária Maragogipe, em Itaquiraí, MS. A revista acompanha a evolução do setor há quase 37 anos e, por diversas vezes, entrevistou Brochmann, devido a seu pioneirismo no uso de tecnologias. Ele foi o primeiro produtor a fazer inseminação artificial no Mato Grosso do Sul para cruzamento industrial; um dos primeiros a apostar no desmame precoce para melhorar o índice de prenhez das fêmeas, como mostrou **DBO** em reportagem de 1993; ajudou a criar a Associação do Novilho Precoce do MS, em 1997; adotou a ultrassonografia de carcaça, quando essa tecnologia ainda estava engatinhando; foi um dos primeiros criadores de Limousin do Brasil, raça que depois trocou pelo Angus; integrou o time inicial da Conexão Delta Gen; e, neste ano, sagrou-se hexacampeão no concurso de carcaças Angus de Bataguassu, MS.

A lista de inovações tecnológicas da Maragogipe é grande, mas não abrangia ainda a área de gestão, gargalo atual da pecuária de corte, que trabalha com margens cada vez mais estreitas. Brochmann vinha sentindo isso no bolso, nos últimos cinco anos. “Minha formação sempre foi mais voltada à parte técnica [ele é agrônomo]. Eu não tinha domínio de ferramentas de gestão modernas, que me permitissem amarrar custos com desempenho zootécnico e monitorar, em tempo real, a lucratividade do negócio”, explica. Essa realidade começou a mudar somente em 2016, quando ele decidiu contratar a Prodap, empresa de Belo Horizonte, MG, com forte atuação nas áreas de nutrição, informática e consultoria. Em apenas dois anos, o resultado operacional da empresa (lucro sem descontar impostos e despesas financeiras) aumentou em 15,9%, passando de R\$ 540 para R\$ 626/ha.

Observando esses números, pode-se pensar que a Maragogipe apenas avançou mais um degrau, porém ele foi crucial para manter a pecuária na fazenda, já que os acionistas da empresa avaliam a atividade em comparação com outras opções disponíveis no mercado, frequentemente mais compatíveis com a valorização das terras no Mato Grosso do Sul. Os irmãos Wilson, Nelson e Elizabete Brochmann (junto com seus seis filhos) são proprietários de quatro fazendas no Estado, totalizando 17.236 hectares: a Maragogipe, em Itaquiraí; a Souza Cuê, em Iguatemi; a Erechim e a Porto Alegre, também em Itaquiraí. Essas duas últimas já estão arrendadas para a agricultura, que tem se mostrado mais lucrativa. “O desafio da pecuária, hoje, é se tornar competitiva, associando desempenho zootécnico com resultado financeiro”, diz o produtor, que tem suas raízes fincadas na terra.

LUCAS MARQUES



Vacas comerciais com bezerros cruzados Angus/Nelore, em pastagens manejadas com base na altura do capim.

História rica

Brochmann é natural de Erechim, RS, e neto de agricultores russos, que imigraram para o Brasil em 1919, em função da Primeira Guerra Mundial. Seu pai, Pedro Brochmann, gostava de trabalhar com cereais e madeira. Tinha beneficiadora de arroz e moinho de trigo, além de uma pequena fazenda em Rio Toldo, próximo a Erechim, onde ia com a família nos finais de semana, fornecer sal para o gado e inspecionar os animais no curral. Wilson acompanhava essa rotina e pegou gosto pela pecuária. Quando seu pai decidiu comprar terras no MS, em 1973, foi ele que assumiu a tarefa de formar a fazenda, apesar de ser muito jovem (21 anos) e recém-formado. “Sobrevoei a região e somente vi mata. A única forma de se chegar à gleba era pelo rio. Depois, montamos uma pista de pouso, pois meu pai sempre esteve à frente de seu tempo. Quando eu nasci, ele já tinha avião e pilotava. Eu também me tornei piloto. Isso nos deu mobilidade para iniciar o projeto”, conta o produtor.

As pastagens da Maragogipe foram formadas, inicialmente, com colônia (capim popular à época) e destinadas à criação de Nelore. Já em 1979, Wilson começou a fazer cruzamento industrial com An-

Empresa em números

NOME: AGROPECUÁRIA MARAGOGIPE
ÁREA TOTAL DA EMPRESA: 17.236 HA
ÁREA FAZ. MARAGOGIPE: 11.619 HA
REBANHO TOTAL EMPRESA: 14.915 CAB
PLANTEL MARAGOGIPE: 5.000 MATRIZES
PRODUÇÃO PRÓPRIA: 4.250 CAB/ANO
PRODUÇÃO CRUZADOS: 3.000 CAB/ANO



ARQUIVO MARAGOGIPE



O capataz José Amilton de Souza (saudoso colaborador da Maragogipe) com o primeiro animal nascido de inseminação artificial na fazenda

gus e, em 1986, com Limousin. Em 1990, iniciou a formação de um plantel PO dessa raça em Camaquã, RS. Venceu muitos campeonatos em exposições, foi por duas vezes presidente da Associação Brasileira de Criadores de Limousin e manteve seu plantel até 2006, quando os frigoríficos começaram a penalizar animais cruzados de raças continentais, devido a problemas de acabamento. “O Limousin foi selecio-

nado na França para produzir carcaças bem pesadas, porém magras, pois lá o sistema de resfriamento é diferente, mais lento”, explica o produtor, que decidiu, então, retornar à primeira raça que havia experimentado no cruzamento, a Aberdeen Angus. Paralelamente, intensificou o processo de melhoramento de seu rebanho Nelore, dentro do Programa Delta Gen, do qual participa desde 2000 (veja texto à pág. 48).

Brochmann sempre buscou melhor remuneração para seus produtos, por isso ajudou a criar a Associação dos Produtores de Novilho Precoce do Mato Grosso do Sul, em 1997, entidade que presidiu por duas vezes. “Acho o associativismo fundamental para o desenvolvimento da cadeia pecuária”, diz ele o produtor, que, por várias vezes, integrou também a diretoria da Associação Brasileira de Angus. No início dos anos 2000, logo após ter iniciado o cruzamento com essa raça de origem britânica, Brochmann firmou uma parceria com a Marfrig Foods, mantida até hoje. É para essa indústria que ele vende seus novilhos Nelore/Angus campeões. No concurso de carcaça deste ano, em Bataguassu, que reuniu 1.377 animais de 16 produtores, Brochmann arrebatou o primeiro e o segundo lugares, tanto na prova dos machos quanto na das fêmeas, gabaritando 100% dos quesitos (veja quadro abaixo). Os machos campeões, de 14 meses, apresentaram peso médio de 350 kg no gancho, com rendimento de 58,78%.

Preparação dos campeões

Para conquistar seis títulos consecutivos no concurso de carcaças de Bataguassu, MS, o mais disputado da raça Angus, é preciso ter bom conhecimento de genética e “bom olho”. A preparação dos lotes para participar da prova começa na IATF, com a escolha das melhores mães Nelore e dos melhores pais Angus (sêmen) para qualidade de carcaça. Na Maragogipe, os

futuros participantes são apartados à desmama, com base em avaliações visuais de conformação, precocidade e capacidade de ganho de peso. A alimentação é idêntica à dos outros cruzados da fazenda: ração de creep feeding dos 45 dias aos oito meses de idade, depois dieta de confinamento. A única diferença é que esses animais ficam cerca de 25 dias a mais no cocho.

Cada lote tem 20 animais, que precisam ser totalmente parelhos para conseguir “gabaritar” 100% dos quesitos do concurso: peso de carcaça acima de 280 kg, idade precoce (dente de leite), boa conformação (côncava, subconvexa ou convexa), acabamento de gordura uniforme ou excessiva, padrão racial Angus e sanidade perfeita. Não é fácil atingir esse nível de excelência. “Além da genética e do bom manejo nutricional (no caso da Maragogipe, idêntico ao fornecido aos demais animais Angus), o segredo está na apartação. “É preciso ter bom olho, saber identificar o animal campeão”, diz. No concurso deste ano, o lote vencedor da prova dos machos foi desmamado com média de 432,25 kg, aos oito meses de idade, e abatido com 644 kg, aos 13-14 meses.

Perfil dos lotes da Maragogipe que venceram o concurso de Bataguassu, em 2018 (*)

QUESITOS	PESO À DESMAMA	PESO VIVO FINAL	RENDIMENTO DE CARCAÇA	PESO DA CARCAÇA	QUALIDADE DA CARCAÇA
FÊMEAS					
CAMPEÃ	398 KG	566 KG	56,2%	309 KG	100
RESERVADA	389 KG	545 KG	57,8%	303 KG	100
MACHOS					
CAMPEÃO	432 KG	644 KG	58,8%	370 KG	100
RESERVADO	406 KG	616 KG	59,6%	350 KG	95

(*) OS ANIMAIS RECEBERAM RAÇÃO DE CREEP FEEDING E FORAM TERMINADOS EM CONFINAMENTO



ARQUIVO BROCHMANN

À esq., carcaça campeã da Maragogipe, e à dir, os animais cruzados ainda em fase de amamentação, no creep feeding.

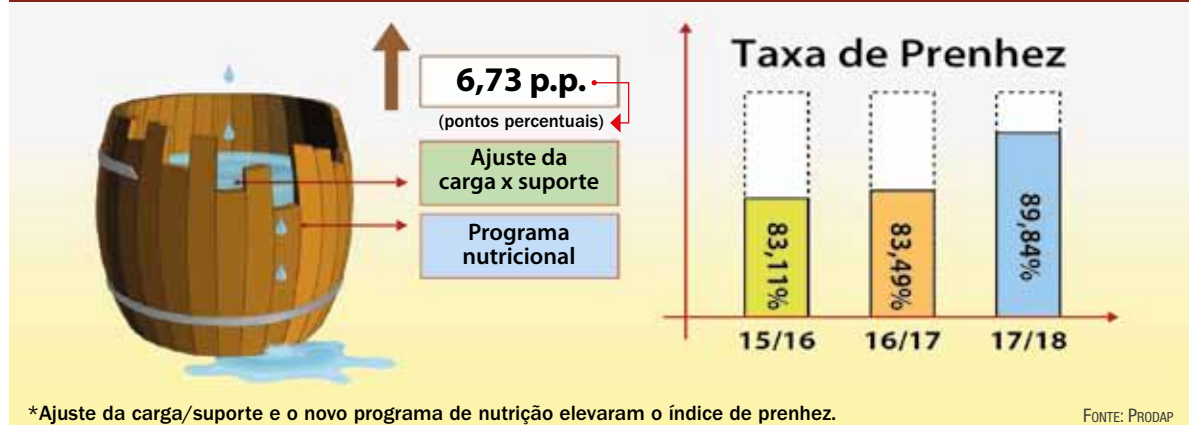
“Wilson trabalha muito alinhado com as demandas da indústria, sabe o que o consumidor quer”, salienta Maurício Manduca, gerente de compra de gado da Marfrig. Segundo ele, a Maragogipe está preparada para atender vários mercados, inclusive os mais exigentes, como o europeu. Faz parte da Lista Traces e está habilitada para a Cota Hilton, pois rastreia seus animais desde a desmama. Roberto Barcellos, da Consultoria Beef & Veal, de Botucatu, SP, também destaca a qualidade das carcaças da Maragogipe. “Seu Wilson é muito detalhista”, diz. “A carne que eu e minha equipe preparamos na fazenda, durante o dia de campo da RedeAgro, em outubro, se enquadrava na categoria produtos especiais, pelo sabor, suculência e maciez”, testemunha

o consultor, salientando que o segredo está no uso de uma boa “forma” (matrizes Nelore selecionadas e sêmen Angus de qualidade), além de uma boa “receita” (programa nutricional ajustado).

Reformulação necessária

Tanta dedicação à qualidade, contudo, tem um preço. “Quando fizemos o diagnóstico da propriedade, em outubro de 2016, constatamos que os custos de produção dos novilhos superprecoceos Angus era alto [eles recebem ração de creep feeding desde os 45 dias de vida e são confinados logo após a desmama]. Cheguei a propor a suspensão do creep, mas ele tem função estratégica na fazenda, por eliminar a recria dos cruzados, poupando área de pastagem.

Resposta da cria aos ajustes realizados no manejo da fazenda*





J.N. FOTOGRAFIA

A Maragóipe produz cerca de 150 tourinhos por ano, com base em critérios de seleção do Programa DeltaGen.

Após observação mais detalhada, vi que era possível ajustar o manejo nesse setor”, relata Lucas Marques, consultor da Prodap. Após se alterar a composição da ração do creep e a rotina de fornecimento, o peso à desmama aumentou. Nos machos foi de 309 kg, em 2016, para 345 kg, em 2018, e, nas fêmeas, de 294 para 326 kg, um incremento superior a 11%, que viabilizou o uso da tecnologia.

A Fazenda Maragóipe possui 11.619 ha, dos quais 8.350 são ocupados por pastagens e 1.141 ha por lavouras de soja. Na pecuária de corte, faz ci-

clo completo. Seu plantel de matrizes Nelore soma 3.400 cabeças, das quais 1.600 estão no Programa DeltaGen (somente vacas Deca 1 a 3 são inseminadas com touros da mesma raça, para reposição e produção de touros). As demais matrizes (3.400) são destinadas ao cruzamento com Angus. Como a empresa tem outras 1.600 vacas na Fazenda Souza Cuê, em Iguatemi, MS, o plantel da empresa totaliza 5.000 novilhas, primíparas e múltíparas em reprodução (aptas para a estação de monta), que garantem cerca de 4.250 produtos/ano, dos quais 3.000 são cruzados Angus (machos e fêmeas para abate), 1.250 Nelore, sendo 150 touros.

A empresa ainda faz recria/engorda de garrotes adquiridos de terceiros para abastecer o confinamento, tanto na Maragóipe quanto em terras arrendadas (565 ha). Nesta atividade, segundo Marques, é que estava o maior problema. Como a maioria dos pecuaristas, Wilson associava a rentabilidade mais ao estoque do que ao giro. Comprava muito garrote, sobrecarregando as pastagens. Em 2017, uma seca atípica atingiu a região e encontrou a fazenda superlotada. “Nosso maior desafio foi convencer Seu Wilson a reduzir a lavoura de 2.000 ha para 1.000 ha e o rebanho, de 17.736 para 14.915 cabeças. Era preciso recriar para depois crescer de forma sustentável. Além de descartar 400 vacas menos produtivas, ‘sequestramos’ 2.421 garrotes até a volta das chuvas, para aliviar as pastagens”, relata Marques. Esses animais depois voltaram ao pasto, foram confinados e abatidos, mas sua reposição somente está sendo feito neste ano, com a “casa já arrumada”.

Plano de vôo para 2022

Com a principal etapa de reestruturação da empresa quase finalizada, Brochmann olha com satisfação para as conquistas já obtidas. “Eu queria ter melhor domínio dos meus custos por segmento, detalhados e analisados com minúcia. Agora, tenho”, salienta o produtor. Todos os meses, após o fechamento das contas pelo escritório da empresa, os dados são confrontados com o orçamento previsto, para detecção e análise de eventuais desvios. “Isso nos deu mais segurança para tomar decisões”, diz Brochmann.

A Maragóipe segue um plano estratégico (horizonte de cinco anos), que se desdobra em um plano tático (anual) e outro operacional (ações do dia a dia). Todo final de safra, esse orçamento é revisto, com base no cumprimento ou não das metas estabelecidas e de análises de mercado, que podem forçar mudanças de rota. “Queremos chegar a uma margem Ebitda (resultado antes dos juros, impostos, depreciações e amortizações) de 18,5% em

2022. Para atingir esse resultado, a empresa voltará a plantar 2.000 ha de soja, intensificará ainda mais a recria e aumentará o número de animais confinados”, diz Lucas Marques.



LUCAS MAERQUES

Reestruturação por segmento

O processo de reestruturação da Maragogipe teve início em outubro de 2016, justamente quando Brochmann teve um sério problema de saúde e precisou ficar afastado por seis meses. Nesse período, seus irmãos, Nelson e Elizabete, foram fundamentais para a condução do projeto. “Além disso, a chegada do gerente Leandro Vieira e a união de todos os colaboradores fez com que a equipe entregasse os resultados esperados”, salienta o consultor da Prodap. Hoje, com menos gado, a fazenda produz mais carne por hectare, porque o desfrute passou de 50% para 62%. Mesmo na cria, que já tinha bons índices, constatou-se forte evolução após a redução do rebanho e ajustes no programa nutricional. A taxa de prenhez, que era de 83,11%, em 2015/2016, pulou para 89,84%, em 2017/2018, um aumento de 6,73 pontos percentuais, porque as matrizes tiveram melhores condições de expressar todo seu potencial genético.

Antes, a fazenda adotava um programa nutricional único: mineral 80, em sistema de “bica corrida”, ou seja, para todo o plantel de matrizes, o ano inteiro. Hoje, a suplementação é ajustada às estações. Nas águas, as vacas recebem um suplemento mineral balanceado, visando ao consumo de 90 g/cab/dia. Esse teor sobe para 110g, no outono (março/maio, quando o capim começa a perder qualidade), e para 150 g cab/dia, na seca (junho/setembro). Os dois últimos suplementos contêm ureia, para compensar a perda de proteína do pasto. A Prodap coleta amostras de capim, tanto nas águas quanto na seca, para análise bromatológica, identificação dos níveis de nutrientes em cada período e balanceamento correto do mineral para cada categoria animal. Os produtos são feitos sob medida, na fábrica de rações da Maragogipe.

A fazenda também adequou cercas e instalações de salga (cobriu cochós, melhorou o acesso dos animais a eles) e instituiu uma logística de distribuição do mineral, para garantir que o produto fosse efetivamente fornecido, porque, às vezes, alguém faltava, um trator quebrava. “Passamos a fazer manutenção preventiva de máquinas e montamos uma rotina rígida de trato. Não pode faltar sal no cocho”, diz Brochmann. Com essas medidas e o uso de um produto mais palatável, a ingestão de minerais aumentou 40%, em relação ao histórico dos últimos três anos. “Hoje, fazemos controle de consumo, lote por lote, registrando desvios (farol vermelho) e acertos (farol verde) em relação à meta de ingestão e à meta de custo da mistura”, diz. As bezerras Nelore de re-



Matrizes passaram a receber um sal mineral específico para cada época do ano, o que ajudou a elevar o índice de prenhez.

posição também ganharam um programa nutricional diferenciado na recria, para que possam emprenhar cada vez mais cedo.

Eliminando gargalos

Com a lotação ajustada à capacidade de suporte das pastagens, boa logística de mineralização, instalações em ordem, tamanho adequado de lote e programa sanitário em dia, as matrizes puderam expressar todo seu potencial genético. Mas como ficou a recria de garrotes adquiridos de terceiros? Segundo Lucas Marques, esse setor, que ocupa quase 3.000 ha, está sendo intensificado. “O potencial da Maragogipe é muito superior à produção atual, mas precisamos preparar as pastagens para sustentar maior lotação e esse processo está em curso”, informa o consultor da Prodap. Para que se recuperassem mais rapidamente, cerca de 1.000 ha foram adubados com fórmulas à base de NPK, no começo das águas, em 2017, e outros 1.000, em 2018. Foi criado também um cronograma anual de divisão das pastagens da fazenda, visando reduzir o tamanho máximo dos pastos para 30 ha. Na recria, a meta é 15 ha.

“Hoje, a fazenda trabalha principalmente com pastejo alternado, mas parte da área destinada à recria de garrotes adquiridos de terceiros está sendo preparada para pastejo rotacionado”, informa Jefter Magtom Silva Malvino, zootecnista da Prodap que acompanha a rotina diária do projeto. Cerca de 200 ha já foram plantados com capins mais produtivos (mombaça, massai) e es-



“

Meta é chegar a 18,22% de margem Ebitda”

Lucas Marques,
consultor da
Prodap



A equipe trabalha com base em metas de desempenho e ajuda na busca por soluções

triturados em quatro módulos de quatro piquetes cada. Outros dois deverão ser criados em 2019. Adotou-se uma “visão safrista”, ou seja, os animais serão totalmente recriados nas águas, entrando nas pastagens em setembro/outubro e saindo em maio, com 12@, peso adequado para o confinamento. Antes, muitos acabavam chegando às instalações muito leves (10@) e sendo abatidos com peso abaixo de seu potencial. A meta para 2020 é recriar, na Maragogipe, 5.000 garrotes adquiridos de terceiros e outros 1.000 em área arrendada.

“O manejo dos pastos é feito com base na altura do capim. Todo mês, os responsáveis pelos retiros levantam esses dados, piquete por piquete, para que possamos calcular a massa forrageira disponível e, conseqüentemente, a capacidade de suporte das pastagens”, diz Malvino. As alturas são anotadas em fichas e depois lançadas no computador, mas a fazenda já está testando um aplicativo de celular da Prodap que facilitará bastante essa tarefa. Além de medir a oferta forrageira, a equipe monitora o desenvolvimento dos animais, que são agrupados em lotes homogêneos (diferença de apenas 30 kg entre indivíduos) e observados mensalmente.

Os pesos estimados dos lotes são registrados em fichas e comparados com metas pré-estabelecidas para cada grupo. É fundamental que essas metas sejam batidas, para não se comprometer o orçamento e a previsão de receita da fazenda.

“No começo achei que seria muito complicado trabalhar com uma classificação tão refinada [*são 11 faixas de peso*]. Pensei: ‘Não vai dar certo’. Mas, hoje, esse manejo faz parte da rotina da fazenda, porque minha equipe é muito boa e assimilou os processos”, testemunha Brochmann. Os animais de recria, por enquanto, recebem uma suplementação enxuta: 100 g/cab/dia de sal mineral nas águas, 150 g/cab/dia de sal ureado no outono (período de transição) e 200 g/cab/dia de proteína no início da seca, antes da entrada no confinamento. Mesmo assim, o ganho médio diário melhorou bastante nos últimos dois anos, passando de 300 para 600 g/cab, em 150 dias de safra, com drástica redução no custo por arroba produzida (de R\$ 117,27 para R\$ 54,84). Esse GMD garante que um animal adquirido com 230 kg, em novembro, por exemplo, entre no confinamento, em junho, com 360 kg (12@).

Confinamento

A engorda em confinamento, última etapa do ciclo de produção, também passou por ajustes. As instalações da Maragogipe têm capacidade estática para 5.700 cabeças e alojam quase 7.000 em 2018. São feitos dois giros, com ciclos de engorda de 100-120 dias para os machos Nelore; 140 dias, para os novilhos ½ sangue Angus e 90 dias, para as fêmeas. O custo de produção por arroba ganha, nas três categorias, é de R\$ 95, R\$ 110 e R\$ 94/cab, respectivamente. Para chegar nesses números, foi preciso melhorar a logística de trato. “Sabe-se que 80% do consumo no confinamento dependem do manejo e só 20% da dieta. A ração fornecida deve ser a efetivamente formulada pelo nutricionista e a distribuição, realizada de maneira precisa, em horários fixos”, diz Malvino. A Maragogipe faz quatro tratos por dia. Na linha de cocho A, para e ter uma ideia, a ração é servida às 6:40, 8:50, 13:10 e 15:10 h.

Gráfico de distribuição da dieta no confinamento (poucos desvios da meta)*



*Cada barra é um curral do confinamento

FONTE: PRODAP

“O confinamento deve funcionar como um relógio, pois os bois gostam de rotina”, diz Malvino.

Para agilizar o carregamento na fábrica e reduzir custos, a dieta foi simplificada. Com 80% de concentrado e 20% de volumoso, ela agora leva apenas silagem de milho, milho-grão moído, farelo de soja ou amendoim, núcleo mineral, ureia e calcário. No galpão, esses ingredientes são organizados em sequência, do maior para o menor volume, visando facilitar o fluxo dos caminhões misturadores e economizar combustível. “Conseguimos reduzir o tempo de carregamento de 25 para 18 minutos. Acabaram as horas extras”, diz Jefer Malvino. Outra medida tomada foi a manutenção preventiva de máquinas e equipamentos, para evitar interrupções no trato, que ocorriam com certa frequência. “Quando a rotina dos bovinos é quebrada, eles demoram cerca de sete dias para estabilizar de novo o consumo e, frequentemente, não atingem mais o pico de ingestão anterior”, salienta.

Brochmann achou, inicialmente, que a simplificação da dieta prejudicaria o acabamento dos animais ½ sangue Angus, mas isso não ocorreu, porque o consumo de matéria seca aumentou, impulsionando o ganho em carcaça, que passou de 1,025 para 1,104 kg/cab/dia nos animais Nelore e de 0,974 para 1,115 kg, nos ½ sangue Angus, que são aba-

tidos bem jovens (14-15 meses). Esse bom resultado está diretamente relacionado às mudanças efetuadas na rotina da operação. A equipe agora tem metas diárias para cumprir. No carregamento de ingredientes, por exemplo, o desvio em relação à meta tem ficado em 0,5%, bem abaixo dos 2% considerados aceitáveis. Já a quantidade de ração distribuída no cocho, controlada por meio de fichas preenchidas pelos caminhoneiros, não pode variar mais do que 3% em relação ao valor projetado com base na leitura de cocho, feita pela manhã. Quaisquer inconformidades detectadas são investigadas pela equipe, em sua reunião diária.

A produção de volumoso (silagem de milho) também está sendo ajustada visando à produção de alimento de melhor qualidade. “Antes, a fazenda trabalhava com silo trincheira sem piso cimentado, mas, como o solo é arenoso, muita terra acabava se misturando a produto. Passamos a usar silos de superfície, com piso compactado e cascalhado”, conta Malvino. A leitura de cocho também diminuiu o nível de desperdício de ração. “Nossa meta é escore 1 (apenas pequena sobra de ração no cocho pela manhã)”, afirma o zootecnista, lembrando que a capacitação da equipe foi fundamental para se atingir esses resultados. “Sem o envolvimento dos funcionários não teríamos conseguido”, diz. ■

O segredo está na matriz

Ciente de que a base Nelore é fundamental para se produzir animais cruzados de qualidade, há 18 anos Wilson Brochmann decidiu inscrever seu plantel no Programa de Melhoramento Genético da Conexão Delta G, que, em 2013, passou a se chamar DeltaGen. Autorizado pelo Ministério da Agricultura a emitir CEIP (certificado especial de identificação e produção), esse programa é um dos mais antigos do País (surgiu em 1974, no RS). Segundo Rodrigo Bassos Dias, gerente executivo da entidade, a Fazenda Maragogipe está entre os cinco melhores rebanhos participantes do programa, com excelentes índices genéticos, principalmente porque exerce forte pressão de seleção sobre as matrizes. “Brochmann sempre tem reprodutores participando de nosso teste de progênie. Neste ano, são três”, informa Dias.

Atualmente, a empresa vende cerca de 150 touros por ano e tem 31 reprodutores em coleta em centrais. As fêmeas de reposição estão sendo “desafiadas” precocemente (15 meses) e o índice de índice de prenhez, com apenas uma IATF, é de 54%, nas novilhas; 60%, nas múltiparas, e 55%, nas primíparas. “O segredo está na matriz”, diz Brochmann, “porque o sêmen dos melhores touros você encontra no mercado, mas a fêmea de qualidade a gente tem de fazer”. Entusiasmado com os resultados obtidos na seleção, ele decidiu participar também do Concurso de Carcaça do Nelore em 2019.

Conforme explicou o consultor Fernando Boveda, durante o dia de campo da Maragogipe, em outubro, é



J.N. FOTOGRAFIA

fundamental trabalhar bem os grupos de animais contemporâneos, mantendo-os juntos até a desmama, para se ter dados confiáveis, e Brochmann é muito rigoroso nisso. Ele também estuda bastante os acasalamentos, com auxílio do PAD (Programa de Acasalamento Dirigido da DeltaGen). Após a reestruturação do projeto, nos últimos dois anos, a condição corporal das fêmeas melhorou muito. Cerca de 82% entraram na última estação de monta com escore entre 3 e 5. As primíparas são a única categoria do núcleo de seleção cujos bezerros têm acesso à ração de creep feeding, mas isso se justifica, porque foram inseminadas precocemente e deixam de 0,7 a 0,6 bezerro a mais na fazenda, ao longo de sua vida produtiva. Devido à seleção para precocidade, cerca de 70% da produção da Maragogipe já são bezerros do cedo.

Docilidade é uma das características selecionadas nas fêmeas da Maragogipe